

Ex-presidentes da Bolsa reúnem-se no Sindicato

Os ex-presidentes da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro ainda em atuação no mercado reuniram-se com a diretoria do Sindicor-RJ, em 17 de fevereiro, para conversar sobre questões que afetam o setor e discutir estratégias de atuação conjunta.



A diretoria do Sindicor-RJ e os ex-presidentes da BVRJ

Estiveram presentes Ênio Rodrigues (Geração Futuro), Sérgio Barcellos

(Bittencourt), Fernando Opitz (Umuarama) e Carlos Alberto Reis (Prime). Os ex-presidentes aprovaram a iniciativa do Sindicor-RJ e sugeriram que as reuniões sejam mais frequentes, para fortalecer cada vez mais o Sindicato como porta-voz da classe. **Página 4**

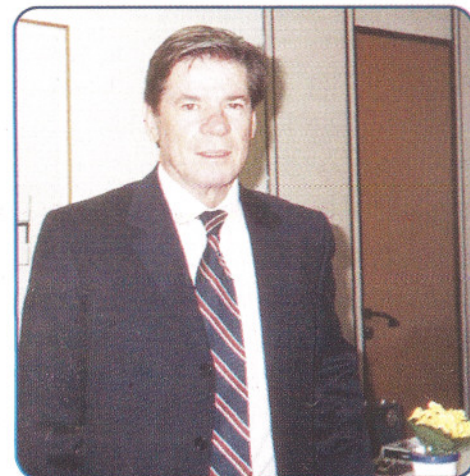
ISS do Rio volta a ser competitivo

A aprovação, pela Câmara Municipal do Rio, do projeto de lei que reduziu de 5% para 2% a alíquota do ISS sobre administração de fundos, corretagem, intermediação e agenciamento pôs fim a 10 anos de apreensão no mercado carioca, ameaçado de se esvaziar completamente desde a edição da Lei 2277/94, que incluiu esses serviços na base de incidência do Município, quando em São Paulo o imposto é fixado em 2,5%. A edição da lei complementar 116/03, que entrou em vigor em 2004 legitimando a cobrança da alíquota de 5%, agravou a crise, que só foi solucionada graças à pronta atuação das autoridades municipais. **Página 2**

Jorge Salgado: voz carioca na Bovespa

Em entrevista ao Informativo Sindicor-RJ, o sócio-diretor da Ativa CTVC e conselheiro da Bovespa, Jorge Salgado, fala de seus planos e das reivindicações do mercado carioca junto à Bovespa. "É necessário o aprimoramento dos serviços oferecidos pelo Sistema Nacional das Corretoras (Sinacor). Atualmente, ainda vamos ao mercado comprar vários softwares que são mais caros e não oferecem a

mesma segurança dos que são gerados pelo Sinacor", disse. Jorge Salgado acredita que a popularização da Bolsa, por meio dos clubes de investimento, trará o fortalecimento do mercado de ações, pois criam no pequeno investidor uma cultura de investimento de longo prazo que estava adormecida, além de dar a esse público uma visão mais abrangente da economia e da empresa na qual trabalha. **Página 3**



Jorge Salgado: popularização da Bolsa

Removida a desvantagem do ISS

Francisco de Paula Elias Filho

Após uma década de apreensão, finalmente as instituições financeiras da cidade do Rio de Janeiro receberam um tratamento atencioso em relação à cobrança de ISS sobre operações de agenciamento, intermediação e corretagem de valores mobiliários e administração de fundos de investimento.

Desde a edição da Lei 2277/94, que incluiu essas atividades na base de incidência do imposto no Município, as instituições financeiras locais têm manifestado a sua preocupação no que diz respeito à manutenção da competitividade do mercado financeiro carioca. Afinal, a cobrança deste tributo junto a bancos e corretoras, além de ter sido ilegal e inconstitucional durante todo este tempo - razão pela qual o Sindcor-RJ, o Sindicato dos Bancos e a Anbid impetraram mandado de segurança coletivo contra esta exação que se encontra pendente de julgamento e impunha às instituições financeiras cariocas um ônus financeiro inexistente em outras praças, notadamente São Paulo.

A aplicabilidade do imposto só passou a ser inquestionavelmente legítima com a edição da Lei Complementar 116/03, que incluiu as referidas atividades na lista das tributáveis de ISS. De acordo com os termos daquela lei federal, o Município do Rio de Janeiro promulgou então a Lei 3691/03, regulamentando a cobrança do ISS e fixando da alíquota em 5%. Embora

não fosse a intenção das autoridades locais, o dispositivo acabou por colocar o mercado financeiro carioca em grave crise, que culminou com a ameaça da BB DTVM de mudar sua sede do Rio de Janeiro para São Paulo.

A crise foi fomentada pelo fato de o Município de São Paulo ter fixado em 2,5% a alíquota do ISS em relação aos serviços de administração de fundos, além de ter anunciado que iria reduzir para 2% a alíquota dos serviços de agenciamento, intermediação e corretagem de valores mobiliários. Assim, caso as autoridades do Rio nada fizessem, o mercado financeiro carioca estaria na iminência de receber seu tiro de misericórdia e esvaziar-se de vez, já que várias instituições financeiras, a exemplo da BB DTVM, ameaçavam migrar para São Paulo.

Providencialmente - quem sabe, pela vigilância do Cristo Redentor -, os homens públicos certos se interpuseram ao precipício do qual se aproximava um mercado com tanta tradição e que ainda gera tantos empregos. Sensíveis e atentos ao sério problema, o Prefeito César Maia e o Secretário de Fazenda, Francisco Almeida e Silva, convocaram as instituições financeiras cariocas para o diálogo, sinalizando sua intenção de tomar as medidas necessárias para preservar a competitividade do mercado financeiro local.



Francisco Elias : final feliz para o mercado do Rio

O resultado desta negociação entre a Prefeitura e os representantes das instituições financeiras foi plenamente satisfatório. Em 8 de março de 2004, foi publicada a Lei Municipal 3720/04, que reduziu para 2% a alíquota do ISS incidente sobre os serviços de agenciamento, intermediação, corretagem de valores e administração de fundos. Um final feliz que demonstrou que a legislação tributária, mesmo que combata a guerra fiscal, deve sim deixar alguma margem para a concorrência entre os municípios e estados, o que acaba funcionando como diferenciador natural de alíquotas para os setores mais estratégicos e empregadores da economia.

O Sindcor-RJ congratula o Prefeito César Maia, o Secretário de Fazenda Francisco Almeida e Silva e a Câmara Municipal do Rio de Janeiro por sua iniciativa de devolver ao mercado financeiro carioca as condições necessárias para o seu regular desenvolvimento.



Entrevista: Jorge Salgado

“Quero ser um link entre Rio e São Paulo”

Eleito com a segunda maior votação do país, de 377 votos, o vice-presidente do Sindicor-RJ e sócio-diretor da Ativa CTVC, Jorge Salgado, tem muitos planos para seu mandato de três anos como conselheiro da Bovespa, iniciado em 1º de janeiro de 2004. Com muitos anos de experiência no mercado de capitais, Jorge Salgado quer fazer valer as reivindicações das corretoras cariocas, mas sempre tendo em mente as necessidades gerais do mercado de capitais. Nesta entrevista, ele destaca a importância de medidas que contribuam para o seu crescimento, como o estímulo à abertura do capital das empresas, a redução de impostos, o aumento do número de investidores pessoa física, a redução da burocracia, entres não só ao mercado de bolsas como ao desenvolvimento do país.

- Sua expressiva votação, constituída principalmente pelos votos do Rio, vai influenciar de que forma a sua participação no Conselho?

- Sem dúvida, devo minha eleição ao presidente da Bovespa, pelo convite, a todas as corretoras que votaram em mim e, em particular, às corretoras do Rio, que me incentivaram a aceitar o desafio. Vou levar as reivindicações do mercado carioca ao Conselho, mas, ao mesmo tempo, não posso perder a perspectiva de olhar para o mercado como um todo. Meu objetivo é ser um link, um canal de informações entre o mercado do Rio e o de São Paulo.

- Quais as principais reivindicações das corretoras cariocas?

- Queremos propor à Bovespa o aprimoramento dos serviços oferecidos pelo Sistema Nacional das Corretoras (Sinacor). Atualmente, ainda vamos ao mercado comprar vários softwares que são mais caros e não oferecem a mesma segurança dos que são gerados pelo Sinacor. É fundamental que o sistema possa atender às demandas do mercado, oferecendo uma gama maior de programas, como um para Renda Fixa, por exemplo.

- Há algum plano voltado para estimular o crescimento do mercado?

- A Bovespa vem fazendo um trabalho de popularização da Bolsa de Valores que provocou a duplicação do número de clubes de investimento em 12 meses. Os clubes permitem, por exemplo, que um grupo de funcionários desconte em folha de pagamento valores mensais baixos, criando uma cultura de investimento que estava adormecida, além de dar a esse público uma visão mais abrangente da economia e da empresa na qual trabalha e da qual poderá se tornar um investidor. Ele precisa entender que o investimento em ações é de longo prazo, exige disciplina, e que não se deve tomar decisões precipitadas. Também é importante que novas empresas abram seu capital.

- A Bovespa possui algum programa que estimule a abertura de capital?

- Há uma comissão que trabalha no mapeamento por setores de empresas que têm potencial para abrir o capital. Essas empresas estão sendo visitadas pela Comissão de Abertura de Capital, que promove encontros e seminários de esclarecimento para os empresários. O custo do dinheiro está muito alto e há pouca perspectiva de que baixe; daí a abertura de capital ser um negócio muito interessante para a empresa que quer investir sem se endividar. Precisa apenas adequar-se às regras, tornando-

se mais transparente, melhorando a eficiência, o que acabará influenciando positivamente seus resultados.

- Como o Governo poderia contribuir para o crescimento do mercado?

- Diminuindo a carga tributária, pois a taxa sobre o ganho de capitais dobrou de 10% para 20%, afastando muitos investidores. Outras medidas muito bem-vindas seriam a desburocratização da abertura de capital e para abertura de empresas, uma das mais complicadas e lentas que existem, e dos procedimentos do dia-a-dia. As corretoras precisam gerar muitos relatórios diariamente, que são completamente desnecessários e só servem para realimentar a burocracia.

- Quais as perspectivas para 2004?

- O mercado e o próprio governo estão revendo suas metas, mas ao que tudo indica as empresas de exportação continuarão em um bom momento. As que estão voltadas para o consumo interno dependem diretamente de quanto o governo irá gastar neste ano eleitoral para estimular a economia. De qualquer forma, aprendi em todo esse tempo de mercado que um ano nunca é igual ao outro. O ano de 2003 foi excepcional para as bolsas, que provavelmente terão uma valorização menor em 2004.

Sindicor-RJ reúne ex-presidentes da Bolsa do Rio

A diretoria do Sindicor-RJ e os ex-presidentes da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro ainda em atuação no mercado como corretores reuniram-se no dia 17 de fevereiro, na sede do Sindicato, para discutir questões que afetam o setor.

O objetivo do encontro, que contou com a presença de Ênio Rodrigues (Geração Futuro), Sérgio Barcellos (Bittencourt), Fernando Opitz (Umuarama) e Carlos Alberto Reis (Prime), foi mostrar que o Sindicor-RJ está de portas abertas para receber os corretores, firmando-se, cada vez mais, como porta-voz da classe.

Ênio Rodrigues disse que o encontro, muito mais que uma confraternização, foi importante para que as corretoras com sede no Rio aproximem-se mais. "Com a incorporação da Bolsa do Rio pela Bovespa, as sociedades corretoras tornaram-se membros da Bovespa e o Sindicato tornou-se nosso único representante no Rio. Foi muito boa a iniciativa do Sindicor-RJ de abrir as portas para as corretoras cariocas se aproximarem, dialogarem e fazerem suas propostas, sugestões e reivindicações, tornando-se peça impor-

tante nas discussões de pontos relevantes do mercado", disse Ênio, presidente da BVRJ entre 1982 e 1986.

Carlos Alberto Reis, que presidiu a BVRJ entre 1992 e 1994 e entre 1998 e 2001, destacou a importância do



Carlos Reis, Ênio Rodrigues, Mauro Mello e Francisco Elias: encontros periódicos

sindicato como ponto de encontro da categoria. "Há tempos já vinham sendo feitas reuniões com os corretores, mas com as novas instalações isso fica mais agradável. O sindicato deve ser o local onde os corretores se reúnem para manter acesa a chama da categoria e lutar por seus interesses - disse Carlos Reis.

Para Sérgio Barcellos, à frente da BVRJ entre 1986 e 1989, "a iniciativa foi excelente", pois permite que os

problemas comuns à classe sejam discutidos. "Ao nos reunirmos, podemos perceber melhor o que a categoria está pensando a respeito dos negócios na praça do Rio e o que é possível fazer para melhorar as condições gerais do setor de corretagem de valores. Penso que uma reunião mensal ou bimestral seria muito boa para todos" - afirmou.

O conselheiro Fiscal do Sindicor-RJ, Joubert Modesto da Silva Junior, considera os encontros com os ex-presidentes da BVRJ muito proveitosos e que deveriam tornar-se freqüentes, pois segundo ele suas experiências

só enriquecem as necessidades do mercado. "Não podemos abdicar da experiência deles, pois todos têm muito o que nos ensinar. Fui conselheiro da Bolsa em quatro gestões e sempre defendi que as bolsas tivessem um organismo composto por ex-presidentes que poderiam assessorar informalmente o presidente, daí ter ficado muito satisfeito com essa iniciativa da administração do Sindicato - concluiu Joubert.

Expediente



Sindicato das Sociedades e Corretores de Fundos Públicos e Câmbio e Distribuidoras de Títulos e Valores Mobiliários do Rio de Janeiro

Presidente: Francisco de Paula Elias Filho (Égide); **Vice-presidente:** Jorge Nuno Odone de Vicente da Silva Salgado (Ativa); **Tesoureiro:** Mauro Cesar Medeiros de Mello (Geração Futuro); **Suplentes:** Domenico Vommaro (Umuarama) e Juan Carbonell Ros (Prime); **Conselho fiscal:** Joubert Modesto da Silva Junior (Bittencourt), Luiz Carlos Pires de Araujo (Agenda), Marcos Albino Francisco (Positiva)

Periodicidade: Bimestral; **Tragem:** 500 exemplares; **Edição:** Matilde Silveira; **Projeto gráfico e Diagramação:** Bruno Bastos
O Informativo Sindicor-RJ é uma publicação da FSB Comunicações (www.fsb.com.br)